

# O PAPEL DA GESTÃO PÚBLICA NA MANUTENÇÃO DA MEMÓRIA COLETIVA: CASO DO MUNICÍPIO DE EREBANGO/RS

Luís Germano de Moraes Fernandes\*

## RESUMO

A memória faz parte do indivíduo, mas é constituída pela composição de experiências vivenciadas dentro de um determinado tempo espaço, que faz parte da cultura de um grupo. Essas vivências, ao serem compartilhadas, direta ou indiretamente, compõe a memória coletiva. Nesse contexto, são inseridos elementos que servem para preservar e auxiliar na retomada dessa memória, os chamados espaços de memória. No espaço urbano, esses locais, em sua maioria, são espaços públicos, edificações históricas, ou até mesmo nomes de ruas e monumentos. Porém, diversos fatores podem contribuir para que esses espaços destinados à retomada da memória coletiva, tenham seus destaques apagados, seja pela rotina dos usuários, falta de preservação, ou até mesmo pela mudança cultural. Para compreender a realidade da experiência da memória coletiva urbana na região do Alto Uruguai gaúcho, foi realizado um estudo de caso no município de Erebangó/RS. Erebangó é uma cidade de pequeno porte, ou seja, com menos de 20.000 habitantes, a mesma realidade de 31, dos 32 municípios que compõe a AMAU. Através de uma pesquisa de campo com a população erebanguense, foi possível observar os locais que mais remetem a memória coletiva, em sua maioria, foram locais históricos que continuam em atividade. Edificações de interesse histórico, cuja manutenção é precária ou inexistente, sequer foram lembrados pela população. Por fim, o trabalho apresenta o papel da gestão pública na manutenção da memória coletiva urbana, auxiliando no incentivo à manutenção e preservação dos locais de memória, a fim de manter a conexão entre usuários, espaço público e memória coletiva, dado que em municípios de pequeno porte, cabe ao poder público a manutenção cultural municipal.

Palavras-chave: Espaço público; Memória coletiva; Locais de memória; Município de pequeno porte.

## 1 INTRODUÇÃO

A memória faz parte da vida em sociedade. Através dela, experimentos e experiências podem ser transmitidos e armazenados por indivíduos, auxiliando e balizando a tomada de decisões nas mais diversas atividades desenvolvidas por estes. Mas, para além da manutenção das necessidades básicas da sociedade, a memória tem uma importância social, especialmente no que se refere ao coletivo, já que o ser humano é, por natureza, um ser social. As memórias contribuem para a formação histórico-social da sociedade, com relação direta ao tempo espaço, onde

---

\* Graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Passo Fundo em 2019. Especialista em Processos Criativos e Suas Interfaces pela Universidade Federal da Fronteira Sul em 2021. Artigo desenvolvido como Trabalho Final da Pós-Graduação Lato Sensu em Gestão Pública, da Universidade Federal da Fronteira Sul, orientado pela Dra. Arq<sup>a</sup>. Natália Biscaglia Pereira.

aquilo que se é lembrado ou esquecido acaba influenciando o presente, e até mesmo impactando no futuro.

Cabe ressaltar que, em sua maioria, as memórias fazem parte de uma experiência coletiva, dado que a vida em sociedade faz com que haja o compartilhamento de vivências, dentro de um tempo espaço, e mesmo o experimento vivenciado pelo indivíduo, é balizado por uma série de memórias incrustadas no ser, através de valores sociais, culturais, políticos e históricos, presentes na memória coletiva da sociedade.

Assim, se a memória é uma experiência coletiva, através do compartilhamento de vivências, num determinado tempo espaço, há de se ter uma atenção especial no local onde se estabelecem estas experiências. Dentro destes locais conhecidos como espaços de memória, estão espaços como museus, bibliotecas, arquivos históricos, e monumentos. E, nesse sentido, é possível destacar o papel da cidade como local de memória, que abriga a complexidade da sociedade, ao mesmo tempo em que é um conjunto de locais de memória. A importância desses espaços capazes de auxiliar a retomada da memória é destacado por Halbwachs

Assim, não há memória coletiva que não se desenvolva num quadro espacial. Ora, o espaço é uma realidade que dura: nossas impressões se sucedem, uma à outra, nada permanece em nosso espírito, e não seria possível compreender que pudéssemos recuperar o passado, se ele não se conservasse, com efeito, no meio material que nos cerca. É sobre o espaço, sobre o nosso espaço – aquele que ocupamos, por onde sempre passamos, ao qual sempre temos acesso, e que em todo caso, nossa imaginação ou nosso pensamento é a cada momento capaz de reconstruir – que devemos voltar nossa atenção; é sobre ele que nosso pensamento deve se fixar, para que reapareça esta ou aquela categoria de lembranças. (Halbwachs, 1990, p. 143).

Porém, o espaço urbano nem sempre recebe a atenção devida, ou a valorização de sua importância na formação da sociedade e identidade dos grupos que a compõem. Essa desvalorização com o espaço urbano foi intensificada com o capitalismo, onde, na busca por um maior destaque na atenção dos possíveis consumidores, mascaram a cidade com placas e propagandas, tornando o ambiente um local de passagem e de prestação de serviços, deixando de lado a experiência do usuário com o entorno e as memórias que poderiam ser despertadas durante o percurso.

Essa abordagem de valorização e preservação da memória vêm em consonância com diversos movimentos que estão ocorrendo no mundo, como a derrubada de estátuas e monumentos por manifestantes, que reivindicam um novo posicionamento da sociedade em relação a sua própria história, e a reconstrução da memória coletiva. Porém, essas discussões costumam girar em torno monumentos em grandes centros urbanos. Esse estudo se propõe a refletir sobre essa temática no contexto da AMAU, com municípios de pequeno porte, em sua maioria com menos de 20.000 habitantes, e que possuem sua história ainda em construção.

## 2 ESPAÇO URBANO E OS LOCAIS DE MEMÓRIA

A cidade foi evoluindo com o tempo, de acordo com as necessidades dos habitantes, mas também conforme as tecnologias existentes, que foram promovendo transformações no espaço urbano, assim como o espaço público urbano, que está presente na vida da sociedade desde a antiguidade. Porém, a relação da população com estes ambientes foi se transformando ao longo dos anos, conforme o contexto histórico. Segundo Chidister

Nas cidades, ao longo da história, as praças exerciam um papel de centros simbólicos, lúdicos e de intercâmbio. [...] Ágoras, fóruns e praças eram, nas cidades gregas, romanas e medievais, os únicos lugares onde todos os cidadãos podiam se reunir, e a ausência de meios de comunicação tornava as reuniões públicas vitais. Esses espaços eram, por conseguinte, focos da cena política, lugares onde discursos eram feitos, leis e decretos eram anunciados, eleições aconteciam e planos de batalhas eram traçados. Além disso, para maior parte da população, a precariedade das casas fazia com que o espaço público fosse mais confortável que o privado.

[...] A vida era vivida nas ruas e praças. A vida pública, nessas sociedades, era o resultado do profundo sentimento de interdependência entre seus habitantes, e suas obrigações sociais dirigiam as energias ao bem comum. As cidades, então, tinham a aparência de um todo unificado. (CHIDISTER, 1989 apud FONSECA, 2005, p.379)

Como destacado no trabalho de Fonseca (2005), nas cidades medievais, o espaço público era conformado por ágoras e fóruns, que eram locais onde a vida pública ocorria, sendo palco para os mais diversos tipos de discursos. As vias, que permitiam o tráfego nestas cidades, atendiam a demanda social daquele determinado tempo/espaço, com a presença de pedestres e veículos com tração animal. Com o avanço dos conhecimentos, as cidades vão dando maior importância aos cuidados sanitários, modificam a forma de desenvolver suas atividades cotidianas, assim como a evolução dos meios de transporte, provocam continuamente a transformação destes locais. Atualmente, os principais fatores de influência na produção dos espaços públicos, estão a saúde e bem-estar público, em voga por decorrência da pandemia, que resultou em uma série de intervenções temporárias no espaço público, a fim de atender as orientações dos órgãos de saúde. Além disso, segundo Minda:

Pode-se afirmar que o espaço público é a coluna vertebral que permite integrar, organizar e dar unidade à cidade. O espaço público é também o espaço de convívio por excelência e, segundo a maneira de se organizar na cidade, possibilita o melhoramento da qualidade de vida em relação direta com o meio ambiente. Mediante a criação destes lugares de encontro e sociabilização as pessoas de distintas culturas e condições socioeconômicas podem se apropriar da cidade. (MINDA, 2009, p.24)

Esses espaços fazem parte de uma construção coletiva, que ultrapassam gerações, e podem apresentar uma série de significados, que resultam na identificação, ou não, dos usuários em relação a determinados espaços. Esse simbolismo está diretamente ligado à memória dos usuários. Por isso, há de se dar a devida importância para a relação do usuário com o espaço, baseado na interpretação da memória coletiva desse grupo de usuários.

O conceito de memória já foi estudada por diversos autores, e segundo Miranda “Podemos defini-la no seu aspecto neurofisiológico, ou numa das variadas abordagens psicanalíticas, como também é possível encará-la como um fenômeno social – de expressão tanto individual quanto coletiva” (Miranda, 2019). O autor destaca ainda, que a memória é uma das características do ser humano. Em seu trabalho, Miranda (2019) apresenta os estudos pioneiros de Halbwachs, que propõe uma abordagem da memória, a partir de contextos sociais. Segundo Miranda “Os trabalhos de Halbwachs foram pioneiros, pois trouxeram ao estudo da memória, o fator social, mostrando a existência de uma relação íntima entre o individual e o coletivo” (Miranda, 2019).

A memória individual ocorre através do armazenamento de mementos passados. Mas, esses momentos ocorreram em um determinado cenário, na maioria das vezes “compartilhado com outros, seja no ambiente familiar, no trabalho, na escola, ou, numa escala maior, em um bairro, cidade, ou até país” (Miranda, 2019). O autor destaca, também, que “em consonância com Halbwachs, que a memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva” (Miranda, 2019).

Se a memória individual, é uma lembrança do passado, compartilhada em um determinado tempo espaço, e presente na mente de um indivíduo, a memória coletiva pode ser considerada a lembrança de um evento, referente a um tema de importância para um grupo ou comunidade, e compartilhada com demais pessoas, na tentativa de manter vivo o sentimento ou o destaque deste evento. Porém, Miranda (2019) destaca que essa memória coletiva poderá ser uma idealização do passado. Isso ocorre, principalmente em decorrência da narrativa que o poder vigente busca apresentar, corroborando com seus projetos específicos. Por isso, há a necessidade de uma interpretação daquilo se é ofertado como história oficial, e como essa memória coletiva é apresentada.

Como apresentado por Silva (2019), essas memórias do passado, podem permanecer presentes, durante um longo período, mas isso ocorre com o auxílio de gatilhos, ou de espaços de memória, já que “de fato, a memória disseminada supera, perpetuamente, as fronteiras do presente, mas é incapaz de imergir ilimitadamente nas profundidades do passado” (Silva, et al. 2019, p.7). Sobre esse lugar de memória, Miranda destaca que:

Esse conceito surge em meados do século XX com o historiador francês Pierre Nora. Simplificadamente, podemos compreender o “lugar de memória” a partir de três características que a constituem: o lugar de memória é material, físico, como museus, arquivos, cemitérios, coleções, comemorações, tratados, monumentos, santuários, associações, jornais, etc.; é funcional, pois garante, ao menos por hipótese, a cristalização da lembrança e, conseqüentemente, sua transmissão; e é simbólica, já que remete a um acontecimento vivido por um grupo minoritário de pessoas, que muitas vezes já nem estão vivas, e, ainda assim, traz uma representação para uma maioria que não participou do acontecimento. (Miranda, 2019)

Dentre os lugares de memória possíveis, o espaço público corresponde a um destes locais, com maior potencial para a incitar a memória coletiva. Isso ocorre, por que “[...] uma gama de memórias coletivas é produzida a partir da vivência na esfera urbana” (Silva, 2019, p.9). Robin (2014) destaca o potencial do espaço público, ao constatar que:

Nada mais importante para a paisagem simbólica de uma cidade que seus nomes de ruas, seus monumentos, suas estátuas e placas comemorativas. Ambiente cotidiano onipresente que se marca nos envelopes pelo endereço postal, nos selos nos quais aparecem heróis e datas históricas, o nome da rua, a estátua e o monumento fazem parte da identidade individual e coletiva. Eles são sempre questões de disputas, apropriações e desapropriações do passado, lutas pela inscrição de aquilo que uma sociedade quer deixar como imagem de si e de sua relação com o passado. (ROBIN, 2014, p.3)

Porém, buscar apoiar as lembranças apenas em lugares de memória, mostra-se um erro, dado que o próprio processo de “lembrar-se é não somente acolher, receber uma imagem do passado, como também buscá-la, “fazer” alguma coisa” (Ricoeur, 2007, p.71). Esse fazer em relação ao passado, pode ser visto também, como uma reinterpretação do passado, ou do contexto histórico em que aquelas memórias foram propostas. A reinterpretação dos locais de memória, ocorre há muito tempo, e são de extrema importância, na busca por evidenciar a história real, em detrimento da oficial, difundida em prol de narrativas, como também ao propor uma análise do contexto em que esses elementos foram propostos.

Exemplos destes processos de reavaliação dos lugares de memória, são encontrados no passado, assim como no presente, em diversos níveis. Um caso antigo, é a derrubada da estátua em homenagem ao Rei George III, que fora edificada nos Estados Unidos, antes mesmo de sua independência. O monumento foi inaugurado em 1770, em referência a revogação de uma lei que aumentava a taxa de tributação de alguns produtos nova-iorquinos. Porém, durante o processo de independência, por volta de 1776, aquele monumento tem seu simbolismo ressignificado, e segundo Lawler (2020) “fervorosos nova-iorquinos, com a ajuda dos soldados de George Washington, rapidamente a derrubaram do pedestal e a deixaram em pedaços. Grande parte do chumbo foi enviada para Connecticut e derretida para produzir 42 mil balas.” A derrubada da estátua, carregava consigo o sentimento de destruição do passado colonial, e a ressignificação da história. Outro exemplo, numa escala maior, foi a troca de nomes da cidade russa, conhecida atualmente como Volgogrado. Segundo Tanji

[...] fundada em 1589 com o nome de Tsarítsin, a cidade foi rebatizada de Stalingrado em 1925, como homenagem aos feitos de Josef Stalin — o secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética comandara tropas bolcheviques no local durante a Guerra Civil, no começo da década de 1920. (TANJI, 2018)

Porém, ao ressignificar as ações de Stalin, em 1961 Nikita Krushev inicia um processo de desestalinização da sociedade soviética e o nome do local passa a ter referência ao rio que próximo à cidade, o rio Volga, por isso o nome Volgogrado. Vale destacar que a cidade ainda se mantém como um local de memória, e durante alguns feriados, ela volta a se chamar Stalingrado.

Um exemplo atual, ocorreu no Brasil, ainda durante a pandemia causada pelo Covid-19, e destaca a contemporaneidade da temática. Após algumas flexibilizações das orientações de precauções e de distanciamento social, houve a retomada das atividades no espaço urbano, e a contestação do significado de alguns monumentos

retornaram ao debate. Esse foi o caso do monumento em homenagem ao bandeirante Borba Gato, incendiado por manifestantes em 2021. Segundo G1 (2021):

Bandeirantes como Borba Gato desbravaram territórios no interior do país e capturaram e escravizaram indígenas e negros. Segundo historiadores, muitos mataram índios em confrontos que acabaram por dizimar etnias. Também estupraram e traficaram mulheres indígenas, além de roubar minas de metais preciosos nos arredores das aldeias, conforme o livro "Vida e Morte do Bandeirante", de Alcântara Machado. (G1, 2021)

Porém, vale destacar que os processos de ressignificação não ocorrem apenas em grandes centros. A memória coletiva e locais de apoio para retomada da memória estão presentes em todas as esferas. Para Halbwachs (1990), em cidades pequenas, há maior resistência a transformações, e a partir dessa maior estabilidade do espaço, é possível analisar até que ponto a memória coletiva se apoia nesses locais de memória. Nesse contexto, foi realizado um estudo de caso no município de Erebangó.

### **3 MEMÓRIA COLETIVA EM EREBANGO**

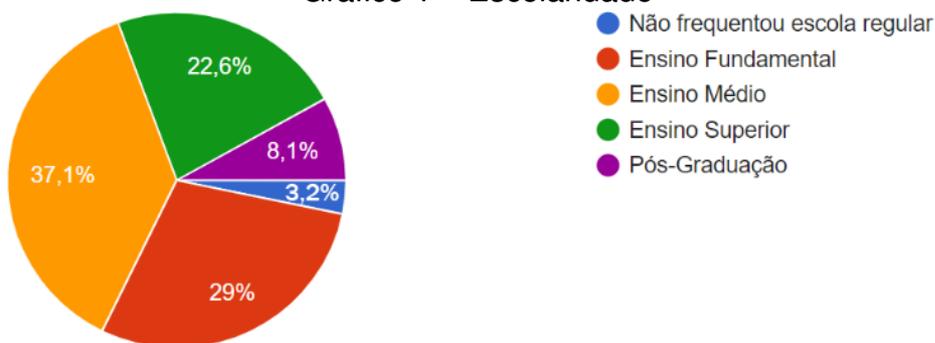
Segundo Peres, "Cerca de 2/3 dos municípios do Brasil têm até 20.000 habitantes." (Peres, 2023). A informação baseada no censo de 2022, é um retrato da realidade vivenciada pelos municípios que compõem a região do Alto Uruguai Gaúcho. Dentre os 32 municípios da AMAU, apenas Erechim possui população acima de 20.000 habitantes, sendo os demais, todos considerados municípios de pequeno porte. Dentre eles, está Erebangó.

A área urbana inicia seu desenvolvimento com povoado de colonizadores em 1910, com a presença de trabalhadores que executavam a via férrea que ligaria as cidades de Passo Fundo e Marcelino Ramos. Porém, a emancipação do município ocorreu apenas em 1988, sendo até então, distrito de outros municípios, como Erechim e Getúlio Vargas. Atualmente, segundo dados do IBGE, 2022, o local possui de 3.054 habitantes.

Erebangó foi escolhido para o estudo de caso, pela presença de locais e edificações de interesse histórico, local, regional e estadual. Além disso, a recente emancipação, e o tamanho da população, permite essa relação direta dos usuários com o ambiente ainda em construção.

A pesquisa de campo foi aplicada durante o mês de agosto de 2024. Com 186 participantes, cerca de 6% da população erebanguense. Em sua maioria do sexo feminino, 85,5%. Em relação à idade dos usuários que responderam à pesquisa, 67,7% possuem idade entre 18 e 60 anos. Perguntados sobre o nível de escolaridade, mais da metade dos entrevistados disseram possuir graduação, enquanto 3,2% destacaram não terem frequentado o ensino regular, conforme gráfico a seguir.

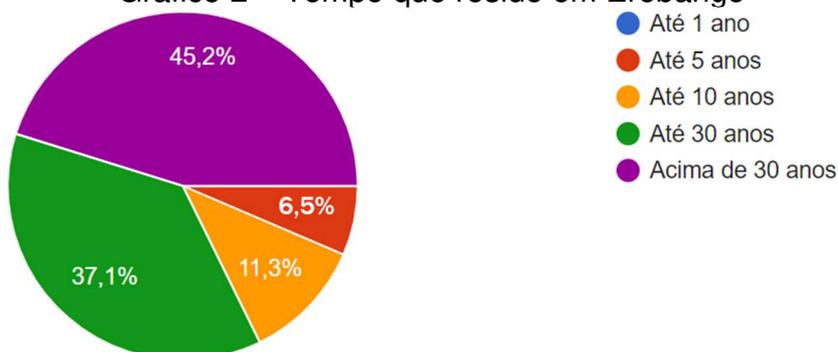
Gráfico 1 – Escolaridade



Fonte: Elaborado pelo autor.

Em relação ao período em que residem no município, a grande maioria relatou morar no município há mais de 30 anos, ou seja, durante toda a vida dos usuários, conforme gráfico abaixo.

Gráfico 2 – Tempo que reside em Erebango

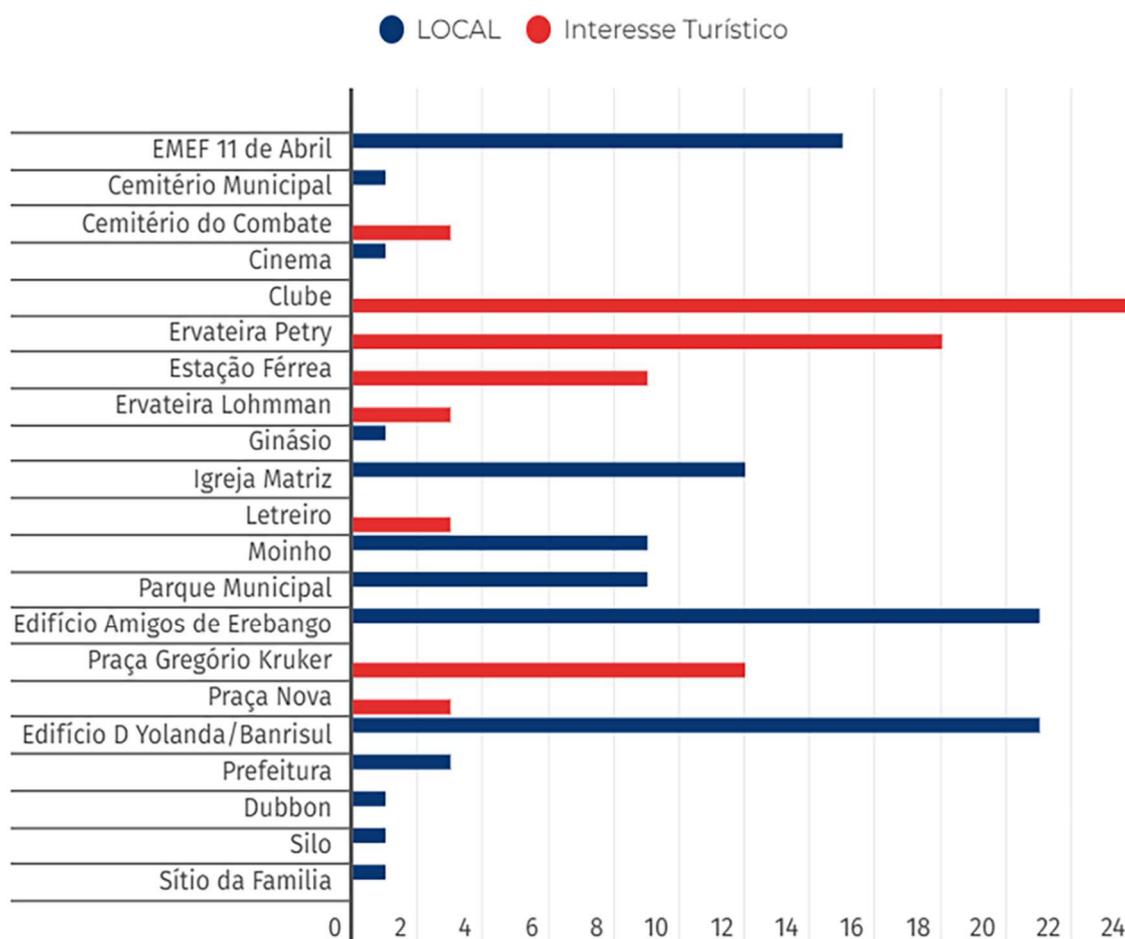


Fonte: Elaborado pelo autor.

Após a caracterização dos usuários, foram feitos questionamentos sobre locais de memória presentes no município. Questionados sobre qual o significado do nome do logradouro onde residem, 82,3% responderam desconhecer. Pela recente emancipação, a grande maioria dos nomes definidos para as vias, foram homenagens a antigos moradores da cidade, ou pessoas de destaque local, como é o caso das Ruas Viúva Olinda Water, que possuía uma pousada no povoado, a Rua Gregório Kruker, que doou o terreno onde a Praça Municipal foi instalada, que também leva seu nome, assim como a Rua Dr. José Canessa, que atuou como médico responsável pelo hospital no município durante alguns anos. Dentre as pessoas que respondera conhecer o significado, alguns relataram conhecer diretamente a pessoa homenageada, e chegaram a comentar algumas histórias que lembraram, indicando

A segunda questão em relação aos locais de memória de Erebango, foi, qual o primeiro local, espaço ou construção que os moradores lembravam, quando pensavam em Erebango, excluindo sua própria residência. Entre as respostas, foram apontados 21 locais. No gráfico a seguir, os locais apontados pelos moradores, foram identificados em azul, locais públicos ou privados de uso comum, e em vermelho, locais que possuem interesse turístico.

Gráfico 2 – Tempo que reside em Erebangó



Fonte: Elaborado pelo autor.

Após apontar o local ou edifício que remete à memória de Erebangó, os moradores foram perguntados sobre o estado de conservação do local, onde 83,9% dos participantes, responderam que os locais estavam em boas condições de uso.

Após o levantamento de locais de memória, apontados pela população, serão apresentadas observações sobre determinados locais, a fim de avaliar o estado real do espaço de memória coletiva, e as possibilidades desses locais continuarem presentes, como elementos ativadores de memória para os futuros usuários.

O local que recebeu mais menções, ou seja, o mais lembrado pela população, foi o Clube de Erebangó. Uma edificação de madeira, com dois pavimentos, que costumava ser o ponto de encontro e sociabilização do município, com festas e bailes, principalmente durante eventos de campeonato de Bolão. Atualmente o edifício não recebe eventos, pelo estado estrutural. Apenas realiza venda de bebidas e alimentos no térreo. Uso da madeira como material principal, remete ao início do povoado, onde a extração da madeira era uma das principais fontes de renda local. Abaixo imagem atualizada da edificação.

Figura 1 – Clube de Erebangó



Fonte: Elaborado pelo autor.

O edifício D. Yolanda é uma construção privada, a primeira do município com apartamentos individualizados e com salas comerciais no térreo. A relação com os moradores se dá pela memória afetiva de frequentar o local, chamado até hoje de prédio, e pela presença do Banco Barrisul, que por muitos anos foi a única agência financeira do município. Por se tratar de edifício particular, sua manutenção é de responsabilidade dos moradores. Recentemente passou por revitalização, com a troca de esquadrias de madeira, por elementos de alumínio.

Figura 2 – Edifício D. Yolanda/Barrisul



Fonte: Google Maps.

O edifício Amigos de Erebangó é uma construção que foi doada ao poder público após sua emancipação. Já recebeu diversos usos, como escola, Agência do Banco Bradesco, sede do serviço público, e atualmente oferta alguns serviços como polícia civil e Conselho Tutelar. Quando lembrado pelos moradores, todos apontaram a relação afetiva com os usos, sendo destacada uma história de uma das entrevistadas, que apontou a lembrança do pai trabalhando para a construção do edifício. Os planos da gestão pública atual, é demolir a edificação para a construção da ampliação da UBS municipal. A edificação apresenta inúmeras patologias, principalmente devido a falta de manutenção, como telhas quebradas, beiral quebrado, presença de pompos no forro e rachaduras.

Figura 3 – Edifício Amigos de Erebango



Fonte: Elaborado pelo Autor.

As ervateiras Petry e Lohmann, quando apontadas, tinham relação clara com o trabalho. Participantes que apontaram esses locais, trabalharam ou tinham parentes próximos que eram funcionários das empresas. A presença das empresas, remete à erva-mate, símbolo do município, que tem como lema “O coração Verde do Rio Grande”. Além disso, o êxodo da população não foi maior após o fim da extração madeireira, graças ao trabalho relacionado a erva-mate. Vale destacar que a Ervateira Lohmann é uma das mais antigas do país. Apresentam bom estado de conservação, e continuam com algum nível de produção.

Figura 4 – Ervateira Petry



Fonte: Elaborado pelo Autor.

Figura 5 – Ervateira Lohmann



Fonte: Elaborado pelo Autor.

A estação férrea, atualmente Museu Municipal Dodani de Moraes, é um dos pontos turísticos do município. Executada em madeira, por volta dos anos 1910,

preserva o início da história do município. Apresenta estrutura estável, sem patologias aparentes, porém, como ponto turístico, possui funcionamento em horário de expediente municipal, impedindo a visitação em turnos diversos. Além disso, não há sinalização turística nem informativa.

Figura 6 – Estação Férrea



Fonte: Elaborado pelo Autor.

Um dos pontos de maior destaque no interesse turístico municipal, que possui relevância estadual, é o Cemitério do Combate. Local foi lembrado por 3 pessoas. O ponto turístico foi palco da última grande batalha armada do RS, em 1923. Em 2023, ano em que foi comemorado seu centenário, recebeu revitalização, com a instalação de um memorial, apresentando a história e importância do local.

Figura 7 – Cemitério do Combate



Fonte: Elaborado pelo Autor.

Ainda sobre os locais apontados, a EMEF 11 de Abril, foi uma conquista do bairro Esperança após a emancipação. A construção de uma escola municipal. A igreja Matriz São Sebastião, foi apontada, e apresenta a relação da comunidade com eventos municipais, em sua maioria relacionados a festividades católicas. Vale destacar o apontamento do Antigo Cinema, que funcionou no município. Por fim, alguns locais de interesse turístico não foram sequer apontados pela população. Esse é o caso de um casarão em madeira, no interior do município, que possui marcas de tiros trocados durante a Revolução de 23, local onde também foi encontrado baú com armas do período, escondidas no porão da construção. Outro imóvel ativador de memória coletiva, é a Igreja Evangélica Luterana, edificação em madeira, datada de 1910/1912, que atualmente encontra-se sem uso, e sem manutenção, com diversas patologias, conforme imagem abaixo.

Figura 8 – EMEF 11 de Abril



Fonte: Google Maps.

Figura 9 – Igreja Evangélica Luterana



Fonte: Elaborado pelo Autor.

Após análise dos dados obtidos pela pesquisa de campo, ficou evidente a presença dos locais de memória, como ativadores da memória coletiva, e das experiências e vivências dos usuários. Locais que continuam em funcionamento, mesmo que com usos atualizados ou diferentes dos originalmente destinados quando sua construção, ainda permanecem ativos na memória da população, pois podem suscitar vivências antigas, toda vez que passa ou frequenta aquele espaço. Por isso, fica ressaltada a necessidade de atenção por parte da gestão pública, na manutenção desses espaços, já que em municípios pequenos, cabe, em sua maioria, ao poder público a manutenção cultural da população.

#### **4 GESTÃO PÚBLICA E A MEMÓRIA COLETIVA**

O pequeno número de habitantes, na maioria das vezes, acaba por inviabilizar eventos culturais e construção de espaços ativadores de cultura. Por isso, o poder público acaba sendo o agente promotor de eventos para a comunidade, como feiras locais, festividades em comemoração ao aniversário do município e festas de final de ano.

Porém, a região do Alto Uruguai, possui diversos municípios presentes no mapa do turismo brasileiro, como é o caso de Erebango, apontado como categoria E. Atualmente está sendo desenvolvido o Roteiro Turístico da imigração Judaica no Brasil, envolvendo as Cidades de Erebango, Quatro Irmãos, Jacutinga e Erechim. Essa nova retomada cultural, através do roteiro turístico pode contribuir para a

manutenção dos espaços de memória, para além do atrativo de visitantes externos, mas para suscitar na população a retomada da sua própria história e fortalecimento da memória coletiva.

Segundo dados do Portal Transparência do Município de Erebango, o orçamento municipal para 2024 é de R\$ 39.000.000,00 reais, sendo que desse montante, apenas 0,75% é destinado para manutenção de Cultura e Patrimônio, cerca de R\$ 299.300,00 reais. Nesse valor estão presentes gastos com festividades municipais de aniversário do município e final de ano, premiações para eventos esportivos, e manutenção do patrimônio. Porém, como resultado de análises apresentadas neste trabalho, ainda é precária a oferta cultural no município, em especial a manutenção do patrimônio de interesse turístico.

Cabe ao gestor público, o incentivo e manutenção da cultura para os moradores. Nesse contexto, inseridos os locais ativadores da memória coletiva. Para além desses recursos apontados pelo portal transparência, foi possível constatar que em 2022, o programa do governo gaúcho Avançar Turismo, possuía um aporte de 131 milhões de reais em recursos para a área do turismo (SETUR, 2022). E em 2023, o programa federal Hora do Turismo, em novembro de 2023, tinha utilizado apenas 24% dos recursos destinados ao programa. Além disso, o orçamento previsto para o turismo em 2024 era de 270,8 milhões. (Câmara dos Deputados, 2023). Esses são exemplos de programas que podem contribuir com o gestor público na obtenção de recursos para manutenção e ativação cultural local.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O espaço público desempenha um papel de extrema importância na manutenção da qualidade de vida e bem-estar dos usuários. Junto a isso, desempenha papel de destaque na preservação e retomada da memória coletiva. Porém, essa memória não precisa ser destruída, de acordo com as mudanças que a sociedade vive, mas sim, ressignificada e transformada. Apagar vestígios do passado não remove as marcas deixadas, porém, ao ressignificar esses espaços de memória, de forma consciente, pode contribuir para a transformação do presente e ocasionar mudanças no futuro da sociedade.

Além disso, o poder público desempenha papel crucial em municípios de pequeno porte, cabendo a ele a preservação e manutenção cultural. Por isso, os espaços de memória coletiva devem receber atenção especial, para fim de manter ativa a relação do usuário com o espaço público, e assim com sua própria história.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Manoel Rodrigues. **Cidade contemporânea: questões conceituais da conformação de sua espacialidade.** Revista Digital Tópos, 2020. Disponível em: <<https://revista.fct.unesp.br/index.php/topos/article/view/2196>>. Acesso em: 18 ago. 2024.

FONSECA, Maria de Lurdes Pereira. **Padrões Sociais e Uso do Espaço Público**. Caderno CRH – Revista de Ciências Sociais do Centro de Estudos e Pesquisa em Humanidades da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2005. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/3476/347632238004.pdf>>. Acesso em: 18 ago. 2024.

FONSECA, Maria de Lurdes Pereira. **Padrões Sociais e Uso do Espaço Público**. Caderno CRH – Revista de Ciências Sociais do Centro de Estudos e Pesquisa em Humanidades da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2006. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/crh/article/view/18533>> Acesso em: 18 ago. 2024.

G1. Globo.com. **Prefeito de SP lamenta incêndio em estátua do Borba Gato e diz que empresário irá doar valor para restaurar monumento. 2021**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/07/26/prefeito-de-sp-lamenta-incendio-em-estatuado-borba-gato-e-diz-que-empresario-ira-doar-valor-para-restaurar-monumento.ghtml>>. Acesso em: 18 ago. 2024.

HALBWACHS, Maurice. **A MEMÓRIA COLETIVA**. São Paulo, SP. 1990. Editora Revista dos Tribunais LTDA.

LAWLER, Andrew. Derrubar estátuas é uma tradição que remonta à independência dos Estados Unidos. National Geographic, 2020. Disponível em: <<https://www.nationalgeographicbrasil.com/historia/2020/07/derrubar-estatuas-e-uma-tradicao-que-remonta-a-independenciados-estados-unidos>>. Acesso em: 18 ago. 2024.

MINDA, Jorge Eduardo Calderón. **Os espaços públicos e o contexto local: O caso da Praça Principal de Pitalito – Huila - Colômbia**. Universidade de Brasília. Brasília, 2009. Disponível em: <[https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/4496/1/2009\\_JorgeEduardoCalderonMind\\_a\\_orig.pdf](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/4496/1/2009_JorgeEduardoCalderonMind_a_orig.pdf)>. Acesso em: 18 ago. 2024.

MIRANDA, Lucas Masarenhas de. **Memória individual e coletiva**. Jornal da UNICAMP Edição WEB. 2019. Disponível em: <<https://www.unicamp.br/unicamp/index.php/ju/noticias/2019/05/27/memoria-individual-e-coletiva>>. Acesso em: 18 ago. 2024.

PERES, Sarah. **70,6% das cidades do Brasil têm até 20.000 habitantes**. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/brasil/706-das-cidades-do-brasil-tem-ate-20-000-habitantes/>>. Acesso em: 18 ago. 2024.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história e o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da Unicamp 2007.

ROBIN, Régine. **Berlim: a persistência do esquecimento**. Revista Memória em Rede, 2016. Disponível em:

<<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Memoria/article/view/9425>>. Acesso em: 18 ago. 2024.

SILVA, Thiago Souza, et Al. **O espaço urbano como lugar de memória: investigando a confluência da materialidade, espacialidade e afetividade na construção minemônica pelas coletividades que o habitam**. JOIN VI Encontro Internacional de Jovens Investigadores, 2019. Disponível em: <<http://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/57790>>. Acesso em: 18 ago. 2024.

TANJI, Thiago. **Volgogrado, a cidade que mudou o destino da Segunda Guerra Mundial**. Revista Galileu. 2018. Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/Historia/noticia/2018/06/volgogrado-cidade-que-mudou-o-destino-da-segunda-guerra-mundial.html>>. Acesso em: 18 ago. 2024.

**APÊNDICE A – Questionário Memória Coletiva e o Espaço Público de Erebangó**

# Memória Coletiva e o Espaço Público de Erebango

Pesquisa, com a população erebanguense, para auxiliar na análise da relação da comunidade com a memória coletiva urbana do município de Erebango/RS.

[Faça login no Google](#) para salvar o que você já preencheu. [Saiba mais](#)

## 01 - Gênero?

- Masculino
- Feminino

## 02 - Idade?

- Até 15 anos
- Entre 16 e 60 anos
- Acima de 60 anos

## 03 - Há quanto tempo reside em Erebango?

- Até 1 ano
- Até 5 anos
- Até 10 anos
- Até 30 anos
- Acima de 30 anos



#### 04 - Escolaridade?

- Não frequentou escola regular
- Ensino Fundamental
- Ensino Médio
- Ensino Superior
- Pós-Graduação

#### 05 - Você sabe o significado ou história por trás do nome da Rua onde reside?

- Sim
- Não
- Outro:

#### 06 - Quando você pensa no município de Erebango, qual o primeiro local ou construção vêm à sua mente? (exceto própria residência)

Sua resposta



07 - Sobre esse local ou edificação, citado na questão anterior, como você considera o estado de conservação?

- Bom
- Ótimo
- Regular
- Ruim
- Péssimo

Enviar

Limpar formulário

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google. [Denunciar abuso](#) - [Termos de Serviço](#) - [Política de Privacidade](#)

Google Formulários



